

A morte exagerada da democracia indiana

Rahul Verma

Rahul Verma é pesquisador do Centre for Policy Research em Nova Délhi.

O governo do primeiro-ministro Narendra Modi, liderado pelo Partido do Povo Indiano (BJP), está agora no último ano de seu segundo mandato, e todas as análises internacionais sobre seu desempenho no cargo trazem como pano de fundo a percepção de um retrocesso democrático da Índia. Desde o início de seu mandato, em 2019, importantes observadores da democracia rebaixaram o status da Índia para uma “democracia imperfeita” e uma “autocracia eleitoral”.¹ Há controvérsia sobre essas classificações — afinal, elas se baseiam em uma série de variáveis subjetivas, e especialistas em temas referentes à Índia possuem suas próprias preferências ideológicas.² Há, contudo, um consenso quase unânime entre os estudiosos de que a cultura política do país está passando por uma transição importante, e agora a Índia pode, na melhor das hipóteses, ser descrita como uma “democracia eleitoral”, já que os elementos liberais de sua democracia estão sob ataque. Observadores e pesquisadores da democracia apontam para uma grave deterioração das liberdades civis, intolerância às minorias religiosas e o enfraquecimento da autonomia institucional como as

*Publicado originalmente como “The Exaggerated Death of Indian Democracy”, *Journal of Democracy*, Volume 34, Number 3, July 2023 © 2023 National Endowment for Democracy and The Johns Hopkins University Press.

principais fontes do declínio democrático na Índia. Não é surpresa que também destaquem as ações e omissões do governo de Modi como os principais impulsionadores do retrocesso democrático da Índia.³

No entanto, eu argumentaria que as declarações sobre a morte da democracia indiana são manifestamente exageradas. As características estruturais de um sistema de partido dominante que também é marcado por uma profunda polarização partidária estão sendo confundidas com retrocesso democrático. Isso não quer dizer que não haja motivos para preocupação — as instituições estão sendo testadas e o tratamento dado às minorias religiosas (especialmente os muçulmanos) em muitas partes da Índia se agravou. Mas parece haver um viés de recentidade afetando nossas avaliações sobre a saúde da democracia indiana. Seus problemas não começaram com a ascensão do BJP sob Modi, nem são o partido e o primeiro-ministro os únicos responsáveis pelo atual atoleiro em que o país se encontra. Isso vem sendo gestado há muito tempo.⁴ O momento atual da Índia foi moldado, em parte, por vários fatores — as forças sociais desencadeadas durante a primeira metade do século 20, o movimento nacional contra o colonialismo, a divisão do país com base na religião, os debates conturbados na Assembleia Constituinte (1946–50), a ilusão de que a Índia era uma democracia liberal antes de 2014 e a lenta ascensão do BJP em nível nacional. O sistema de partido dominante e a polarização partidária, moldada tanto pela religião quanto pela ideologia, agora exacerbam tendências antes adormecidas.

Então, como devemos entender esse momento? Primeiro, devemos olhar para o debate sobre a saúde democrática da Índia por uma lente histórica. Segundo, devemos examinar as mudanças sistêmicas associadas à ascensão de um novo sistema de partido dominante que, em sua essência, foi marcado pelo declínio de um antigo pacto de elite. Isso ajudará a explicar por que os conflitos políticos estão se espalhando pelas ruas. Terceiro, um exame das pesquisas de opinião pública

oferecerá uma imagem mais clara de como os cidadãos indianos percebem o funcionamento de sua democracia e se estão preocupados com os rumos do país. Somente então podemos dizer se a democracia indiana está verdadeiramente em perigo.

O debate sobre a saúde democrática da Índia

Há um consenso emergente de que os princípios fundamentais que sustentam a “primeira república” da Índia estão abrindo caminho para uma “nova Índia” com uma cultura política completamente diferente — uma que é antagônica à visão constitucional do país. Este suposto ataque à democracia inclui a fusão do partido governante com o Estado.⁵ Alguns estudiosos descreveram a ascensão de Modi como uma “contrarrevolução” das castas superiores, que se uniram em torno do BJP para resistir à crescente afirmação das castas inferiores (em termos de direitos e inclusão), que definiu a política indiana nas últimas décadas. Outros aludiram às tendências mais centralizadoras desse regime, no qual o pacto federativo então vigente está sob pressão, o capitalismo de compadrio está se enraizando mais profundamente e a natureza do estado de bem-estar da Índia está mudando.⁶

Proponentes dessa visão argumentam que o governo do BJP vem ignorando as normas democráticas da Índia e destruindo suas instituições democráticas.⁷ Em sua opinião, o governo limitou severamente a liberdade de expressão e usou a polícia e as forças de segurança para reprimir o dissenso. Ao mesmo tempo, o governo não fez nada para impedir o vigilantismo anti-islâmico, que está se tornando cada vez mais normalizado, e até mesmo foi cúmplice dessas práticas ilegais. A independência do Judiciário é questionável, uma vez que decisões judiciais recentes se alinharam com o governo em matéria de liberdades civis e dissenso, em clara contradição com a Constituição. A independência da Comissão Eleitoral também está agora em xeque, dadas as recentes decisões tendenciosas a favor do BJP.

Outros, no entanto, veem a emergência de um novo consenso político como símbolo de “transformação econômica, aprofundamento democrático, afirmação social, rejuvenescimento da nação indiana e renascimento da civilização indiana”.⁸ Esse ponto de vista celebra o momento atual como a libertação do “mito da Índia secular-socialista” e uma correção muito necessária da ruptura original da Índia com o passado “civilizacional”.⁹

É no contexto do passado da Índia que devemos avaliar seu impulso majoritário, bem como o seu sucesso em permanecer uma democracia contra todas as expectativas. Houve previsões apocalípticas desde que o grande experimento democrático da Índia começou — que certamente fracassaria e se fragmentaria em muitos pedaços. Alguns argumentaram que um modelo transplantado de democracia projetado para populações geograficamente limitadas e socialmente homogêneas da Europa Ocidental estava fadado a enfrentar obstáculos na Índia — um país continental, subdesenvolvido e multiétnico. Outros apontaram que a Constituição indiana, em certos aspectos, foi uma imposição liberal a uma sociedade profundamente conservadora. Sobre essa discrepância, B.R. Ambedkar, o presidente do comitê de elaboração da Constituição, declarou em um discurso em novembro de 1948 perante a Assembleia Constituinte que “a democracia na Índia é apenas uma camada superficial no solo indiano, que é essencialmente antidemocrático”. A Constituição era decididamente liberal, mas as massas, em sua maioria, tinham laços apenas superficiais, se é que tinham algum, com o tipo de visão progressista que o documento trazia.

Constituições raramente são perfeitas, assim como os esforços para a sua criação. Da mesma forma, afirmar que a erosão dos valores democráticos em curso é criação de um só partido, o BJP, é uma simplificação insustentável. Além do viés de recentidade, é fato que outros partidos que estão no poder no nível estadual também violam normas democráticas, mas não recebem o mesmo grau de crítica dirigida

ao BJP. Um exemplo disso são os recorrentes episódios de violência eleitoral em Bengala Ocidental, governada pelo partido Trinamool Congress desde 2011 e, antes disso, pelo Partido Comunista da Índia.

Para ser justo, muitos estudiosos reconheceram explicitamente que o BJP não está sozinho na instrumentalização da máquina estatal para fins políticos.¹⁰ Não foram apenas os governos nacionais anteriores do Partido do Congresso* que usaram a máquina estatal para acertar contas com adversários políticos, muitos governos estaduais nas últimas quatro décadas também o fizeram. Foi sob a primeira-ministra Indira Gandhi (1966–77), afinal, que a ideia de um “Judiciário e burocracia comprometidos” — ou seja, leais ao governo — foi posta em prática.¹¹ Sucessivos governos, tanto em nível nacional como estadual, seguiram esse princípio. O histórico de governos nacionais liderados pelo Partido do Congresso que usaram o artigo 356 da Constituição para dissolver governos estaduais liderados pela oposição é bem documentado, assim como o declínio de longa data do desempenho do Parlamento como fórum de deliberação democrática.¹²

Por fim, a marginalização econômica e política das minorias religiosas da Índia, especialmente os muçulmanos, não é um fenômeno recente. A representação muçulmana na política indiano sempre foi baixa e sua diminuição recentemente não é produto simplesmente da ascensão do BJP ao poder central. As relações entre as comunidades hindu e muçulmana da Índia nunca foram tratadas por meio de um diálogo nacional após a partição[†] (1947) e evoluíram sem qualquer esforço formal para determinar o lugar dos muçulmanos no corpo político da Índia.¹³ Afinal, as tensões religiosas entre hindus e muçulmanos

* Nota do editor brasileiro: Fundado em 1885, o INC (Indian National Congress), ou Partido do Congresso, é a agremiação política mais antiga da Índia. Sob a liderança de Mahatma Gandhi e Jawaharlal Nehru, foi crucial no processo de libertação da Índia do jugo do Império Britânico. Desde a independência da Índia, em 1947, liderou governos nacionais por 54 anos e já teve seis primeiros-ministros indianos, entre eles Nehru, o primeiro premiê indiano pós-independência, e Indira Gandhi.

têm sido descritas como uma das metanarrativas da política indiana pós-independência. Nada disso pretende encobrir as falhas do regime atual, mas apenas colocar uma lente comparativa sobre a saúde democrática da Índia.

O sistema partidário dominado pelo BJP

Uma democracia governada por um partido dominante é decididamente diferente de uma governada por coalizão. Entre 1989 e 2014, a Índia foi governada por diferentes coalizões; estudiosos referem-se a isso como o *terceiro sistema partidário* do país. Nessa época, o poder político estava espalhado entre várias instituições, o Parlamento servia como uma importante plataforma para negociação, os tribunais e a Comissão Eleitoral da Índia afirmavam sua autonomia e o financiamento de campanhas era mais bem disperso entre vários partidos.¹⁴ Tudo isso começou a mudar quando um único partido — dessa vez, o BJP — tornou-se novamente dominante no nível nacional. O sistema agora se parece muito mais com o *segundo sistema partidário* da Índia (1967-89), quando o Partido do Congresso, embora um pouco enfraquecido, começou a enfrentar séria competição política nas eleições estaduais, mas permaneceu a força política dominante nacionalmente.

É importante ressaltar o paradoxo que marca o sistema partidário dominado pelo BJP. A democracia indiana está se expandindo e se aprofundando em alguns aspectos e encolhendo em outros. O comparecimento às urnas tem aumentado continuamente nos últimos anos, tanto nas eleições estaduais quanto nacionais. Mais mulheres estão votando e concorrendo a cargos eletivos, e mais partidos estão lan-

‡ Nota do editor brasileiro: Quando o domínio britânico chegou ao fim, em 1947, o subcontinente indiano foi dividido em dois países independentes: a Índia (de maioria hindu) e o Paquistão (de maioria muçulmana), sendo que este último tinha uma parte de seu território a oeste e outra, a leste, o Paquistão Oriental. Em 1972, foi reconhecida a independência da parte oriental, que passou a se chamar Bangladesh.

çando candidatos. O perfil social dos candidatos, dos eleitos e dos que são nomeados ministros também vem se diversificando. E, ao contrário das democracias ocidentais, na Índia os cidadãos menos abastados continuam votando mais. Tudo isso indica que uma fatia maior do eleitorado está tendo voz na política do que em anos anteriores. Ao mesmo tempo, a maioria das organizações partidárias tornou-se centralizada e centrada na família. Os candidatos vencedores geralmente são ricos e pertencem a dinastias políticas. Essas tendências não surgiram na última década e não são criação do BJP. Dito isto, o partido parece mais preparado do que outros para se adaptar a essas tendências políticas.

Além disso, há um crescente déficit de confiança entre governo e oposição que reflete fielmente as dinâmicas do segundo sistema partidário. Ambos os lados se sentem sitiados e o discurso político reduz-se à deslegitimação do partido ou candidato rival. O governo classifica qualquer discordância como uma manobra destinada a servir aos interesses das velhas elites e frequentemente chama o dissenso de “antipatriótico”. Enquanto isso, a oposição e os atores da sociedade civil tendem a retratar Modi, sem dúvida um dos políticos mais populares da Índia pós-independência, como um agente das grandes corporações.

O BJP, acreditando que todas as instituições do governo estavam nas mãos de apoiadores do Partido do Congresso e continuavam a servir os interesses do partido mesmo quando este já estava fora do poder, decidiu que a única maneira de criar uma “nova Índia” seria expurgando-o, assim como as forças políticas, sociais e econômicas que tradicionalmente o apoiavam. Na sua tentativa de mudar a natureza do pacto das elites, o governo do BJP vem usando todos os meios possíveis — permitindo que líderes da oposição fossem presos por acusações de corrupção enquanto o caso ainda tramitava na Justiça e aplicando impunemente medidas draconianas (algumas aprovadas durante o regime anterior, liderado pelo Partido do Congresso sob a

liderança de Manmohan Singh) contra organizações e membros da sociedade civil.

O BJP também parece presumir que a oposição às suas políticas e programas raramente é baseada em princípios, mas impulsionada pelas antigas elites, que já não detêm o mesmo acesso aos altos cargos como antes. Isso é especialmente verdade quando até mesmo atos rotineiros do governo são por vezes retratados como antidemocráticos — por exemplo, quando o primeiro-ministro Modi conduziu a inauguração do novo prédio do Parlamento, em vez do presidente, que é o chefe de Estado, a oposição boicotou a cerimônia. O regime atual parece ter decidido adotar posições maximalistas para se contrapor à postura maximalista da oposição. O governo também se viu em rota de colisão com vários grupos de interesse (como agricultores e estudantes) que organizaram protestos em massa. O fracasso do Parlamento em chegar a um acordo negociado sobre algumas dessas demandas levou a frequentes protestos de rua. A polarização política vem reduzindo o espaço do centro e tornando a comunicação entre o partido no poder e a oposição quase impossível.

Discurso das elites versus opinião pública

Esse discurso das elites políticas, marcado por profunda desconfiança, deixou pouco espaço para um novo acordo político negociado. É improvável que isso mude tão cedo. Da mesma forma, os debates acadêmicos continuam a repousar sobre velhas categorias conceituais enquanto a realidade está se transformando. Por exemplo, o debate sobre retrocesso democrático na Índia ainda vê o populismo de direita, o nacionalismo hindu, o majoritarismo político, os impulsos antidemocráticos e a religiosidade hindu como categorias sobrepostas. Isso pode ser verdade para essa elite acadêmica (embora não haja evidências empíricas), mas certamente não é o caso para as massas populares, que veem a situação sob outras lentes.

A baixa correlação entre essas variáveis aumenta a importância de se compreender as razões por trás do contínuo sucesso do BJP no nível nacional. A popularidade de Modi, por si só, não é capaz de explicar o extermínio da oposição nacional e a convergência ideológica da direita. Além disso, os cidadãos indianos tendem a apoiar a tolerância política em relação às minorias religiosas, denunciam ações do governo que acreditam estar erradas, criticam o governo do BJP por seu desempenho mediano na melhoria das condições econômicas e rotineiramente votam contra os atuais ocupantes do cargo em eleições estaduais por conta do mau desempenho. Nada disso parece sinalizar um retrocesso democrático.

A pesquisa Lokniti-CSDS [Programa Lokniti sobre Democracia Comparada do Centro para o Estudo das Sociedades em Desenvolvimento] de 2019 mostrou que os eleitores típicos do BJP podem não ser tão religiosos quanto comumente se supõe, ainda que se identifiquem como hindus.¹⁵ De fato, os eleitores que deixaram o partido quando Modi se tornou seu candidato a primeiro-ministro em 2014 tendiam a ser mais ativamente religiosos. Ao mesmo tempo, os novos eleitores do BJP tendem a ter uma visão mais majoritária. De forma semelhante, outra pesquisa realizada em toda a Índia mostrou que o populismo de direita e o nacionalismo hindu são fenômenos distintos entre os eleitores, que podem ou não se sobrepor.¹⁶

É verdade que a política que emergiu sob o governo do BJP é uma ruptura com o passado. Mas reduzir o contexto atual, que é marcado por várias tendências contraditórias, a um inequívoco retrocesso democrático seria uma injustiça com a trajetória da Índia como democracia nos últimos 76 anos.

Como os cidadãos indianos veem a democracia de seu país? Muitas pesquisas realizadas nos últimos anos mostraram que a maioria

dos entrevistados está satisfeita com o estado da democracia indiana. Mais de 60% dos indianos entrevistados para o relatório de 2020 do Pew Research Center sobre satisfação e valores democráticos disseram estar satisfeitos com o funcionamento da democracia no país.¹⁷ Pode surpreender alguns que, entre os 34 países pesquisados, apenas a Suécia obteve uma pontuação melhor nesse quesito, com 72% dos entrevistados suecos expressando satisfação com sua democracia. Em 2022, o Centre for Policy Research (CPR) e a CVoter Foundation conduziram uma pesquisa com mais de cinco mil indianos, perguntando se eles achavam que a Índia havia se tornado mais ou menos democrática na última década. Quase metade dos entrevistados (cerca de 48%) disse que o estado da democracia na Índia melhorou na última década, e apenas um quarto disse que piorou (28%). Entre as várias instituições, o Exército é visto como o mais confiável, com um nível geral de confiança de 94%. É seguido pela Comissão Eleitoral da Índia (72%), pelo Judiciário (70%), pelo Parlamento (64%), pelos meios de comunicação (62%), pela administração pública (56%) e pela polícia (55%). Embora a confiança na Comissão Eleitoral permaneça notavelmente alta, houve algumas preocupações sobre a lisura do processo eleitoral nos últimos anos.¹⁸

Os indianos podem estar satisfeitos de maneira geral com o status da democracia do país, mas isso não significa que não estejam preocupados com o rumo da democracia da Índia ou que não se preocupem com a segurança e o bem-estar das pessoas marginalizadas — minorias religiosas, os pobres, as mulheres e as castas mais baixas. A pesquisa CPR-CVoter perguntou aos entrevistados se eles acreditavam que a Índia poderia mergulhar em um regime autocrático. Cerca de 39% pareciam considerar isso uma possibilidade real, enquanto a maioria (51%) não pensava assim, e 10% não tinham certeza. Há claras diferenças partidárias nessas questões, com os eleitores da oposição mais propensos a acreditar que as normas democráticas da Índia estão sob pressão. Há também uma divisão partidária perceptível, embora não

tão acentuada, em como os entrevistados percebem as instituições como confiáveis.

Em outra pesquisa, apenas com pessoas da classe média urbana, observamos que a maioria preferiria ter um líder forte, uma liderança de tecnocratas ou um regime militar do que realizar eleições e ter um governo parlamentar. As maiores diferenças não foram entre aqueles que se identificaram com o BJP ou com o Partido do Congresso, mas entre os partidários mais ferrenhos (independentemente do partido) e os partidários moderados ou fracos.¹⁹ Entre os partidários mais ferrenhos que se identificavam com os principais partidos políticos, o apoio ao regime militar ou a um país sem eleições foi muito maior. Esses resultados indicam que cidadãos altamente partidários se sentem mais à vontade sendo governados por alguém que compartilhe sua visão ideológica de mundo do que por um adversário, mesmo que isso signifique abandonar alguns valores democráticos. Essas diferenças partidárias, como mostram sucessivas rodadas da pesquisa, estão agora influenciando a visão dos entrevistados sobre a história da Índia, sua cultura popular e até mesmo deteriorando as relações pessoais.

Uma nova realidade

A Índia sempre foi singular entre as democracias do mundo, o que significa que não pode ser devidamente compreendida usando as mesmas medidas e padrões aplicados na avaliação das democracias ocidentais. É verdade que a política que emergiu sob o governo do BJP é uma ruptura com o passado. Mas reduzir o contexto atual, que é marcado por várias tendências contraditórias, a um inequívoco retrocesso democrático seria uma injustiça com a trajetória da Índia como democracia nos últimos 76 anos.

Naturalmente, isso é alarmante para aqueles que acreditam que a erosão das normas democráticas é sistêmica e, portanto, mais duradou-

ra do que antes. E, para países com instituições fracas como a Índia, eles acreditam que qualquer renovação democrática se torna um desafio de longo prazo. Precisamos, portanto, fazer uma avaliação mais lúcida desse momento. As velhas lentes conceituais não conseguem oferecer uma explicação satisfatória para o que está acontecendo sob o governo do BJP — erosão democrática em certas áreas, como liberdades civis e proteção de minorias, mas aprofundamento das normas democráticas em muitas outras áreas. Para entender todas as implicações dessas mudanças, será necessário um novo arcabouço analítico. Por exemplo, o BJP obteve sucesso em criar uma coalizão social que agora inclui mais mulheres (que, nas eleições recentes, têm votado em maior número no BJP do que em qualquer outro partido) e mais eleitores pobres, das áreas rurais e de castas mais baixas, além de sua tradicional base de apoio entre eleitores urbanos e de classe média.

Também é importante lembrar que, em muitos países que atualmente passam por um retrocesso democrático, novos regimes políticos surgiram à medida que os antigos entraram em colapso por suas próprias deficiências. A onda global de líderes nacionalistas-populistas não ocorreu no vácuo. E sua popularidade contínua não pode simplesmente ser ignorada. Muitos desses líderes possuem uma sólida base de apoio e, em muitos desses países, a oposição política permanece um tanto desacreditada. À medida que líderes nacionalistas-populistas reformulam a política de seus países para se conformar à sua visão ideológica de mundo, a linha entre a discordância e a dissidência permanecerá tênue. Assim, as noções expansivas de democracia, que foram vislumbradas durante a “terceira onda” de democratização, continuarão sob pressão no futuro próximo.

Notas

1. Ashutosh Varshney, “How India’s Ruling Party Erodes Democracy”, *Journal of Democracy* 33 (outubro 2022): 104–18.

2. Andrew Little e Anne Meng, “Measuring Democratic Backsliding”, OSF Preprints, 17 janeiro 2023, <https://doi.org/10.31219/osf.io/n32zk>.

3. Também seria prudente não desconsiderar as tendências globais ao tentar compreender a fase atual de recessão democrática, como a mudança na ordem geopolítica, demandas complexas de governança em meio à desaceleração econômica e o surgimento de novos tipos de atores não estatais (incluindo as *big techs*) tentando influenciar a política doméstica.

4. Yogendra Yadav, *Making Sense of Indian Democracy: Theory as Practice* (Ranikhet, Índia: Permanent Black, 2020).

5. Tarunabh Khaitan, “Killing a Constitution with a Thousand Cuts: Executive Aggrandizement and Party-State Fusion in India”, *Law and Ethics of Human Rights* 14, n. 1 (2020): 49–95.

6. Pranab Bardhan, “The ‘New’ India”, *New Left Review*, 30 agosto 2022; John Echeverri-Gent, Aseema Sinha, e Andrew Wyatt, “Economic Distress Amidst Political Success: India’s Economic Policy Under Modi, 2014–19”, *India Review* 20, n. 4 (julho–setembro 2021): 402–35; Yamini Aiyar e Louise Tillin, “One Nation, BJP, and the Future of Indian Federalism”, *India Review* 19, n. 2 (março–abril 2020): 117–35.

7. Madhav Khosla e Milan Vaishnav, “The Three Faces of the Indian State”, *Journal of Democracy* 32 (janeiro 2021): 111–25.

8. Abhinav Prakash Singh, “Ayodhya Marks the Twilight of the First Republic”, *Hindustan Times*, 6 agosto 2020.

9. Madhusudan Harsh e Rajeev Mantri, *A New Idea of India: Individual Rights in a Civilizational State* (Chennai: Westland Publications, 2020).

10. Muitos acadêmicos, incluindo Pratap Bhanu Mehta e Ramchandra Guha, apontaram o déficit liberal entre os atuais partidos de oposição da Índia. Em sua visão, o BJP tem usado esses instrumentos de forma muito mais eficaz para manter a oposição sob controle.

11. Atul Kohli, *Democracy and Discontent: India's Growing Crisis of Governability* (Nova York: Cambridge University Press, 1990).

12. Anoop Sadanandan, "Bridling Central Tyranny in India: How Regional Parties Restrain the Federal Government", *Asian Survey* 52, n. 2 (março-abril 2012): 247–69; M.R Madhavan, "The Parliament" in *Rethinking Public Institutions in India*, eds. Devesh Kapur, Pratap Bhanu Mehta, e Milan Vaishnav (Nova Délhi: Oxford University Press, 2017).

13. Hilal Ahmed, *Siyasi Muslims: A Story of Political Islams in India* (Délhi: Penguin Random House India Private Limited, 2019); Hasan Suroor, *Unmasking Indian Secularism: Why We Need a New Hindu-Muslim Deal* (Délhi: Rupa Publications, 2022). Para uma exploração mais detalhada desse ponto, ver Rahul Verma e Armaan Mathur, "Indian Democracy's Paradoxical Moment", *India Forum*, 15 novembro 2002.

14. É verdade que o BJP tem vantagens significativas em relação ao financiamento de campanha. O domínio nacional do partido permite que ele atraia mais doadores. As ambiciosas elites políticas e econômicas têm muito mais propensão a se alinhar com o partido dominante do que com os atores mais fracos. Ver, também, Stanley Kochanek, "Briefcase Politics in India: The Congress Party and the Business Elite", *Asian Survey* 27, n. 12 (dezembro 1987): 1278–301.

15. Pradeep Chhibber e Rahul Verma, "The Rise of the Second Dominant Party System in India: BJP's New Social Coalition in 2019", *Studies in Indian Politics* 7 (dezembro 2019): 131–48.

16. Ashutosh Varshney, Srikrishna Ayyangar, e Siddharth Swaminathan, "Populism and Hindu Nationalism in India", *Studies in Comparative International Development* 56, n. 2 (2021): 197–222.

17. Pew Research Center, "Democratic Rights Popular Globally but Commitment to Them Not Always Strong", fevereiro 2020, 23, www.pewresearch.org/global/2020/02/27/satisfaction-with-democracy. Apenas 26% dos entrevistados indianos expressaram insatisfação com o funcionamento da democracia no país.

18. Centre for Policy Research e CVoter Foundation, "How Indians View India and the World", setembro 2022, https://cprindia.org/wp-content/uploads/2022/10/How-Indians-View-India-and-the-World_Web.pdf. Outros, sobre essa questão,

responderam que o estado da democracia indiana permaneceu igual (17%) ou não opinaram (7%).

19. Rahul Verma e Ankita Barthwal, “Our Democratic Backsliding, in Charts”, Livemint, 19 junho 2022, www.livemint.com/politics/news/polarized-politics-pushingurban-indians-towards-authoritarian-anti-election-views-finds-survey-11642571506813.html. As três categorias de partidários baseiam-se nas reações dos entrevistados a quatro cenários envolvendo o partido político com o qual afirmam se identificar mais. O índice partidário, uma medida do nível de ligação com o partido político preferido, mostra que a parcela de partidários fervorosos está aumentando.